

Em Busca da cor: construção cromática e linguagem gráfica de rótulos cromolitográficos do Arquivo Nacional e da Biblioteca Nacional

Palestra apresentada em 19 de setembro de 2018, parte do IV Ciclo de palestras sobre acervos raros e especiais da Biblioteca Nacional

Prof^a Doutora Helena de Barros

INTRODUÇÃO

Esta é uma pesquisa voltada para o estudo de rótulos cromolitográficos de produtos brasileiros, com ênfase nas estratégias técnico-projetuais adotadas em sua realização. Corresponde a uma contextualização geral do problema, à indicação dos acervos disponíveis na cidade do Rio de Janeiro, ao estabelecimento de um corpus a partir desses acervos – tendo em vista a ênfase da pesquisa –, e a uma primeira compreensão técnica e conceitual desse corpus.

Cromolitografia, termo cunhado pelo francês Godefroy Engelmann, ou impressão litográfica em cores, é o primeiro processo de impressão colorida em escala industrial, que passa a ser praticado a partir de 1837. Surge como inovação no âmbito da técnica litográfica, inventada em 1796 como um processo de impressão de matriz plana, ao contrário dos anteriores, baseados em matrizes de madeira (entalhada em alto relevo) ou de cobre (gravada em baixo relevo). Baseia-se no princípio de repulsão entre água e óleo (no caso, água e tinta graxa), utilizando uma pedra calcária apropriada como matriz. A imagem é desenhada sobre a pedra, e esta, depois de tratada quimicamente, umedecida, repele a tinta nas áreas não desenhadas e a retém nas áreas desenhadas, sendo a imagem então transferida para o papel por meio de uma prensa mecânica. A cromolitografia utiliza tantas matrizes quantas serão as cores impressas (TWYMAN, 2013).

Nos dias de hoje, em que, pelo costume, percebemos com naturalidade a grande oferta de imagens multicoloridas nas mais diversas mídias, é difícil ter a dimensão do impacto trazido por esta técnica. Responsável pela popularização de imagens coloridas ao longo do século XIX, a cromolitografia alterou significativamente os padrões culturais, a circulação da informação e o consumo da época (MEGGS, 2012), tanto nos centros industrializados quanto na

periferia do capitalismo, como é o caso do Brasil. Inaugura o uso expressivo da cor em estampas artísticas, na comunicação visual de revistas e livros, e também, sobretudo, nos mais diversos impressos efêmeros, como cartazes, certificados, cartões comerciais, anúncios, embalagens e rótulos.

Uma das principais características da cromolitografia é o complexo processo de seleção manual da cor, onde um profissional altamente especializado – o cromista –, encarregava-se da concepção das múltiplas matrizes de litografia. Cada cor da imagem precisava ser desenhada separadamente em uma nova matriz de pedra. As diferentes matrizes conjugavam-se numa única imagem colorida, impressas no papel uma de cada vez, em camadas sucessivas de cor sobreimpressas e em registro, alcançando um efeito realista (TWYMAN, 2013). Em definição mais específica, o termo cromolitografia designa

“uma impressão litográfica colorida onde a imagem é composta por ao menos três cores, cada uma aplicada no impresso por uma pedra diferente. Ao contrário da litografia entintada, onde a segunda e a terceira cor distribuem matizes sobre a primeira impressão, as cores de uma cromo constituem a figura em si. A cromolitografia é portanto uma técnica muito complexa que requer registro perfeito e um sofisticado entendimento da cor.” (MARZIO, 1979, p.9, tradução nossa).

A cromolitografia foi suplantada pelo desenvolvimento do atual sistema de impressão industrial colorida, a quadricromia em offset, que com implementações técnicas e de maquinário se tornou mais prático e econômico. Entretanto, o estudo aprofundado dos espécimes cromolitográficos indica resultados cromáticos de alta qualidade, mais vívidos e detalhados do que a tecnologia convencional de hoje permite alcançar (BARROS, 2008) (ver Figura 1).

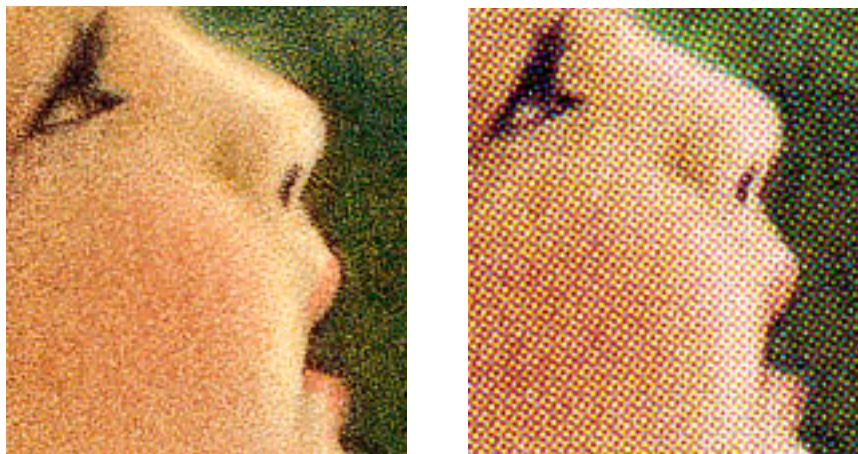


Figura 1 - Cortes ampliados 5X de duas reproduções digitalizadas da pintura “The Butterfly”, original de Bessie Pease Gutmann. À direita, cromolitografia publicada em 1912 por Gutmann & Gutmann. À esquerda, quadricromia offset da mesma pintura. Comparada à

cromolitografia, a quadricromia offset em retícula fotomecânica (à direita), perde em extensão cromática e nas transições tonais mais gradativas da cromolitografia com pontos desenhados à mão (à esquerda). (Fonte: <http://www.tssphoto.com/>)

Na quadricromia offset, as cores da imagem original são separadas, fotomecânica ou digitalmente, em retículas de amplitude modular de quatro cores (cian, magenta, amarelo e preto). A combinação desses quatro grupos de pontos de cor em tamanhos variados, simulam, por mistura ótica, as cores do original.

Na cromolitografia, para reproduzir acuradamente o original, o cromista determinava, de acordo com o orçamento e o tempo de trabalho correspondente, quantas e quais cores deveria usar, tanto em áreas chapadas quanto em áreas de mistura ótica, através de “um método de pontilhamento da imagem [que] permitia a aplicação de cores de forma mais sutil, com gradientes delicados” (LIMA, 1998: 160). E essa “verdadeira seleção de cores manual” (id.) podia chegar a mais de vinte cores. Num segundo momento, com o avanço da cromolitografia e o objetivo de reduzir o trabalho e o tempo dispendidos, as técnicas de pontilhado foram substituídas por processos de transferência de padronagens de pontos, conhecidas como *tintas mecânicas* ou *mídias de sombreamento*, as quais eram manualmente aplicadas, com uma grande variedade de efeitos gráficos (TWYMAN, 2013). Nesta perspectiva, o impresso em cromolitografia pode ser considerado como uma elaboração técnico-artística, mesmo que se trate da interpretação e reprodução de um original preexistente (www.tssphoto.com).

A escolha de rótulos de produtos brasileiros do final do século XIX e início do século XX como fonte primária desta pesquisa, coloca-a no âmbito de pesquisa dos Impressos efêmeros – área de estudos que segundo o pesquisador Maurice Rickards está voltada para “o transitório documento menor do dia-a-dia” (RICKARDS, 1988, p.13, tradução nossa). O conceito aplica-se a todo ‘não-livro’ impresso em papel, projetado com objetivo específico e momentâneo e que, na maior parte das vezes, depois de cumprir sua função de divulgação, informação ou consumo, é implicitamente descartável.

Esta investigação se enquadra nos parâmetros da pesquisa sobre Memória Gráfica, designação que, a partir de 2008, passou a reunir nos países ibero-

americanos, pesquisas mais numerosas e consistentes em história do design relacionadas à cultura da impressão, cultura visual e cultura material (FARIAS, 2014). Consolidou-se como intuito dessa área de investigação o resgate ou reavaliação de artefatos visuais – em particular dos impressos efêmeros – buscando recuperar ou estabelecer um senso de identidade local. Vale salientar que essas pesquisas frequentemente também englobam os aspectos técnicos envolvidos na produção destes artefatos (id.).

São identificados acervos de rótulos cromolitográficos na cidade do Rio de Janeiro, assim como são indicados os parâmetros de estabelecimento do corpus.

IDENTIFICAÇÃO DE ACERVOS E ESTABELECIMENTO DO CORPUS

Um primeiro ponto a ser esclarecido diz respeito à delimitação da pesquisa pelos impressos efêmeros, produzidos sob demanda para veiculação de imagem comercial e comercialização de produtos, ou seja, embalagens de produtos de consumo.

Considerando as instituições públicas de guarda de efêmeros na cidade do Rio de Janeiro, foi identificado material concernente à pesquisa na Fundação Biblioteca Nacional (BN) e na sede carioca do Arquivo Nacional (AN), onde está depositada a documentação do governo federal até a data de transferência da capital para Brasília. Em ambas as instituições foram localizados rótulos de produtos nacionais da época da utilização da técnica cromolitográfica. No AN, estão arquivados no Fundo da série Indústria e Comércio os processos de registro de rótulos, os quais, diferentemente da coleção de rótulos da BN, fornecem alguns dados contextuais, catalogados no livro instrumento de pesquisa.

O acervo de rótulos do AN é composto por 1.085 rótulos do último quartel do século XIX. Estão alocados em livros-registro depositários de marcas de propriedade privada, que passam a ser protegidos por lei pela ocasião do decreto 2.682, a Lei de proteção às marcas industriais (1875). Anteriormente pertencentes à Junta Comercial, tais livros passaram à custódia do AN em 2003 (REZENDE, 2003).

Já no setor de Iconografia da BN localizamos 936 rótulos produzidos nas duas primeiras décadas do século XX, depositados em função da Lei do Depósito

Legal (1853, 1907) e da Lei do Direito Autoral (1898). Consideramos, assim, esses dois conjuntos constituintes de uma amostragem que compreende o período áureo da cromolitografia – a partir da década de 1880 (TWYMAN, 2013) – ao seu declínio em função do processamento fotomecânico.

O material do AN encontra-se totalmente digitalizado: a pesquisa é feita nos computadores da sala de consulta. Por motivos de conservação o pesquisador não tem acesso aos originais, mas podem ser solicitados arquivos digitais de alta resolução. Já na BN a digitalização dos originais encontra-se em processo. Apenas parte da coleção (222 rótulos) está digitalizada e disponível na base de dados (<http://bndigital.bn.br/>). O restante do material, até a ocasião desta pesquisa, ainda não havia sido catalogado ou digitalizado, sendo necessária uma permissão especial para avaliação direta dos rótulos originais, assim como para o seu registro fotográfico.

O acervo do AN está datado, conforme registro no livro instrumento de pesquisa do Fundo Indústria e Comércio, que também traz informações do produtor e do estado, embora não da oficina litográfica. No acervo da BN, a maior parte das amostras não está datada e nem sempre dispomos das informações completas. Mas eventualmente identificamos a oficina litográfica, seja por ela estar grafada no impresso, seja por anotações ou por carimbos no verso.

Em ambos os acervos, o que vemos são conjuntos heterogêneos de rótulos da indústria alimentícia (chocolates, biscoitos e manteigas), tabagista (fumo, cigarros e charutos), farmacêutica (tônicos, xaropes, vermífugos, etc.), de bebidas (cervejas, vinhos, licores, etc.) e de perfumaria (sabonetes, cremes e loções), produzidos em técnicas diversas como tipografia, gravura em metal e litografia. Assim, como nosso interesse principal é o processo de construção cromática em impressos litográficos de aparência multicolorida, de acordo com a definição de cromolitografia acima citada (Marzio, 1979), em nossa seleção descartamos: a) os rótulos produzidos em outras técnicas; b) os rótulos litográficos em uma ou duas cores, ou que apresentavam poucas misturas de cor. Do conjunto restante, foram selecionados com base em sua maior elaboração gráfica 100 rótulos produzidos por cromolitografia, sendo 20 do AN e 80 da BN, produzidos entre 1876-1919, ilustrando uma ampla amostragem de técnicas cromolitográficas.

COMPREENSÃO E ANÁLISE TÉCNICO-CONCEITUAL

De posse das informações levantadas na pesquisa técnica, são propostos métodos de identificação e análise da composição de cor e técnicas gráficas dessas amostras, baseados na observação e registro microscópico, no uso de uma escala de referência cromática e de um conjunto de ícones referenciais. A escala de cor referencial é baseada no Sistema de Cor de Munsell, uma nomenclatura de cor descritiva e científica com 267 nomes de cores e amostras impressas que possibilitou a identificação das paletas de tintas de impressão utilizadas em cada rótulo. O conjunto de ícones facilitou a identificação de uma variedade de técnicas adotadas para a representação tonal, resultando no reconhecimento de mais de 20 padrões gráficos, desde técnicas manuais como o crayon, o bico de pena (livre, em linha e métodos de pontilhamento), o pincel e o espargido, as aplicações mecânicas como a máquina de gravar pautas e as mídias de sombreamento de BenDay, até dispositivos fotomecânicos como a reticula de linha cruzada.

Propõe-se assim uma primeira compreensão técnica e conceitual do material, discutindo relações culturais entre a indústria, o design e o consumo.

O resgate deste acervo se situa na área da cultura material, através da pesquisa de efêmeros e investigação das linguagens visuais derivadas de abordagens técnico produtivas. Busca-se contribuir para o campo da história do design brasileiro e sua memória gráfica como área do conhecimento, reunindo informações que auxiliam os pesquisadores destas áreas na identificação técnica cromolitográfica e conduzindo uma reflexão crítica sobre as concepções de cor praticadas na impressão colorida.

REFERÊNCIAS

BARROS, Helena de. Em busca da aura: dinâmicas de construção da imagem impressa para a simulação do original. 2008. 204f. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: ESDI/UERJ, 2008.

CAMPELLO, Silvio Barreto; ARAGÃO, Isabella (org.). Imagens comerciais de Pernambuco: ensaios sobre os efêmeros da Guaianases. Recife: Néctar, 2011.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. Disponível em <<http://bndigital.bn.br/>> Acesso em 14 de Junho de 2014.

BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007 [1979].

CHROMOLITHOGRAPHY Prints - Why they are considered 'originals'. Disponível em <<http://www.tssphoto.com/2009/12/26/chromolithography-prints-how-they-are-made/>> . Acesso em 15 mar. 2015.

FARIAS, Priscila L. On graphic memory as a strategy for design history. In: BARBOSA, Helena & Calvera, Anna (Eds.). Tradition, transition, trajectories: major or minor influences. [Proceedings of the 9th International Committee for Design History and Design Studies]. Aveiro: UA Editora, 2014.

HEYNEMANN, Claudia Beatriz; RAINHO, Maria do Carmo Teixeira; CARDOSO, Rafael. Marcas do Progresso. Consumo e design no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

LIMA, Edna Cunha. Cinco Décadas de Litografia Comercial no Recife: Por uma história das marcas de cigarros registradas em Pernambuco, 1875-1924. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 1998.

MEGGS, Philip B., PURVIS, Alston W. Meggs. History of Graphic Design. New Jersey: John Wiley & Sons Inc., 2012.

MARZIO, Peter C. The Democratic Art: Chromolithography 1840-1900, pictures for a 19th-century America. Boston: David R. Godine Publisher, 1979.

REZENDE, Livia Lazzaro. Do Projeto Gráfico e Ideológico. A impressão da nacionalidade em rótulos oitocentistas brasileiros. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003.

RICKARDS, Maurice. Collecting printed ephemera. Oxford: Phaidon/NY: Abbeville, 1988.

TWYMAN, Michael. A History of Chromolithography: printed colour for all. London: British Library, 2013.

WOODWARD, Ian. Understanding Material Culture. Londres: Sage Publications, 2007.